

Por que o livre-acesso às estantes?

**Eunides Aparecida do Vale
Adriana Cybelle Ferrari
Diva Carraro de Andrade**

Discute a questão do livre-acesso às estantes, ressaltando o papel da Biblioteca Universitária na educação do usuário e a provisão de facilidades para o estudo e a pesquisa na instituição em que atua. Aborda o vandalismo em bibliotecas universitárias, muitas vezes considerado como motivo para fechamento do acervo, e que pode ser minimizado por um conjunto de medidas com avaliações periódicas.

Palavras-chave: Biblioteca Universitária. Livre-acesso às estantes. Vandalismo em bibliotecas.

A discussão sobre o livre-acesso às estantes nas bibliotecas universitárias parece ter sido superada há pelo menos 20 anos. No entanto, ressurgiu vez por outra ocasionada pelo temor do furto ou danificações de publicações.

Retomando a história das bibliotecas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, desde os anos 70, pudemos constatar que o livre-acesso ao acervo foi proporcionado aos usuários somente na década de 80.

Ainda é bem presente na memória da equipe de atendimento aos usuários do Serviço de Biblioteca e Documentação a questão da busca de livros feita apenas pelos catálogos de fichas das bibliotecas, na época dos acervos fechados. Até mesmo uma simples e rápida consulta a um dicionário seguia esse processo. O usuário dirigia-se ao balcão de empréstimo com várias papeletas de requisição de livros preenchidas, que eram entregues aos funcionários de atendimento para a busca nas estantes. Após algum tempo, voltava o funcionário com uma "pilha" de livros que colocava sobre o balcão. Começava uma outra etapa da pesquisa: o usuário

folheava livro por livro e não raro devolvia todos ao funcionário e voltava novamente ao catálogo em busca de uma melhor sorte... Essa situação provocava frustrações em ambas as partes: ao usuário, que tinha a sua necessidade não satisfeita, e ao funcionário, que via todo o seu esforço em vão e ainda lhe sobrava a tarefa de reposição de todo esse material não utilizado às estantes.

O objetivo maior para a abertura dos acervos foi, sem dúvida, oferecer ao usuário a oportunidade de tornar sua pesquisa mais bibliográfica mais relevante, através da busca diretamente nas estantes.

Porém, passados alguns anos da implantação do sistema, voltamos a discutí-lo, a pedido do Conselho Técnico e Administrativo/FFLCH, tendo em vista a preocupação do Departamento de Letras Modernas com o furto e a mutilação do material bibliográfico.

Para subsidiar essas discussões recorremos à literatura nacional e internacional das áreas de Biblioteconomia e Ciência da Informação. Verificamos as três coleções mais importantes de periódicos nacionais na área e, para nossa surpresa, nada foi detectado sobre o assunto.

Apenas Kremer & Oliveira (1993), em seu artigo sobre a questão do vandalismo em bibliotecas, cita a experiência de Shill (1980), da West Virginia University, que realizou estudos para observar o comportamento de acervo fechado e de livre-acesso, recolhendo material durante seis anos, sendo os dados referentes a três anos de acesso fechado e três anos de livre-acesso. O resultado dessa pesquisa demonstrou que com o livre-acesso houve um declínio de empréstimos, um pequeno aumento na disponibilidade de livros e um grande aumento no uso da biblioteca. Atribuiu-se o declínio de empréstimos à escolha de obras feitas pelos usuários diretamente às estantes, o que evita a retirada de material não pertinente.

Partimos, então, para a bibliografia internacional: procedemos a um levantamento bibliográfico na base de dados ISA - Information Science Abstracts Plus, referente ao período de 1966-1994. Também, para nossa surpresa, encontramos apenas alguns artigos que "tocam" na questão do livre-acesso às estantes editados, ainda, nas décadas de 60 e 70. Dessa bibliografia ressaltamos o artigo de Braden (1968) e de Hoadley (1970) que, ao caracterizarem a biblioteca universitária direcionada à graduação, colocam como primeiro item *o livre-acesso às estantes (It provides open*

access to the collection). Um outro artigo sobre biblioteca pública na França diz: "O acesso livre é vital" (La Lecture..., 1968).

Se, por um lado, nos deparamos com a escassez bibliográfica sobre esse assunto, por outro, sabemos que a grande maioria das bibliotecas universitárias operam, há muito tempo, pelo sistema de livre-acesso às estantes. Em exaustiva pesquisa realizada para o estabelecimento de padrões em bibliotecas universitárias, Carvalho (1981) analisa 488 bibliotecas universitárias brasileiras (dados coletados pela CAPES em 1978) onde 65,5% dessas já possuíam livre-acesso ao acervo. Uma nova pesquisa nos dias atuais demonstraria provavelmente um acréscimo dessa porcentagem beirando os 100%.

Percebemos, então, que precisávamos abordar essa questão por outro ângulo - a que se destina a biblioteca universitária na atualidade?

A moderna biblioteca universitária desempenha, como uma de suas funções básicas, o papel de instrumento dinâmico de educação, realizando parte do processo de aprendizagem que é uma das metas da Universidade. Para isso, a biblioteca, que tinha anteriormente o seu centro de atenção voltado ao documento, sendo esse sua própria razão de ser, passou a concentrar-se nas necessidades do usuário, dirigindo todos os esforços para a melhoria da prestação de serviços.

Nesse sentido, a biblioteca universitária tem como objetivo a promoção da educação do usuário e a provisão de facilidades para o estudo e a pesquisa na instituição em que atua.

No caso específico da FFLCH/USP, podemos atribuir o aumento do uso de nossas bibliotecas, nos últimos anos, ao trabalho que vem sendo desenvolvido na educação do usuário para um melhor uso das potencialidades informacionais que a biblioteca oferece, como também à melhoria da infra-estrutura, ao conjunto de serviços oferecidos e ao livre-acesso às estantes, o que proporciona uma ampla gama de possibilidades do seu uso.

Na literatura, encontram-se algumas reflexões sobre o papel da biblioteca como parte do processo de aprendizagem relevando o aspecto favorável de uma pesquisa bibliográfica realizada diretamente às estantes.

Conforme Spiller 1975) o relatório do University Grants Committee, de 1967, da Inglaterra, afirmou: "A natureza e eficiência de uma universi-

dade podem ser determinadas a partir do tratamento dado ao seu órgão central - biblioteca”.

Nesse sentido, também encontramos na história das universidades brasileiras, uma preocupação com as nossas bibliotecas universitárias. Segundo Briquet de Lemos & Macedo (1975), o Código dos Institutos Oficiais de Ensino Superior e Secundário, elaborado por Epitácio Pessoa e aprovado em 1901, tinha todo seu 19º capítulo dedicado ao funcionamento das bibliotecas deliberando que “haverá em cada estabelecimento uma biblioteca, determinada especialmente ao uso do corpo docente e dos alunos...”

Em relação ainda às bibliotecas britânicas, Spiller (1975) comenta outro relatório governamental de 1964 - Relatório Hale, relativo a métodos de ensino. Nesse relatório é indicado que “a exposição é a melhor alternativa após a leitura individual...” Considera ainda que, além das listas de livros com a indicação das leituras prioritárias, “leituras adicionais sugeridas pelo corpo docente e pelo pessoal da biblioteca estimulariam o aluno a trabalhar por conta própria e a ler a literatura sobre sua disciplina com uma atitude de alerta e de crítica. O relatório concluiu que essa forma de leitura era, em sua maior parte, um traço dos melhores alunos e que levava naturalmente ao trabalho de pesquisa”.

Outro relatório do Governo Britânico sobre educação da área de Medicina - Relatório Todd - editado em 1968, citado por Spiller (1975), recomendou, entre outras coisas, que haja “uma redução considerável no ensino formal e que o aluno deve aprender a usar a biblioteca e a explorar o material bibliográfico por conta própria”.

Pode-se concluir que esses relatórios indicam que, para se formar um pesquisador, não basta apenas os cursos e a leitura da bibliografia básica e complementar indicadas pelos docentes. É necessário conhecer de forma abrangente a literatura da área estudada e podemos aqui colocar a importância do acervo aberto, que é a maneira mais adequada de se “folhear” as estantes de uma biblioteca e nelas encontrar outros tantos textos da preferência e necessidade do aluno.

No Brasil, parece que as bibliotecas universitárias não tiveram o mesmo destino. A Lei nº 5.540, de 28/11/1968, que trata da organização das universidades, não mencionou, nem de passagem, a biblioteca universitária³, embora, desde 1963, para reconhecimento dos cursos superio-

res, o Conselho Federal de Educação exija que a instituição possua uma biblioteca.

Apesar disso, grande parte dos recursos informacionais no Brasil está nas bibliotecas universitárias (Gomes, 1975). Além da função de apoio ao ensino e à pesquisa, deve-se salientar que “o papel fundamental que a biblioteca desempenha é de tipo educacional. Ela não deve funcionar como um simples depósito de livros ligado a uma sala de leitura, mas como um instrumento dinâmico de ensino... Nesse contexto, a utilização da biblioteca torna-se um método de ensino, ocupando seu lugar ao lado da veneranda aula expositiva e da discussão em grupos” (Briquet & Macedo, 1975).

Line (1990), citado por Andrade (1994), levanta as pretensões dos usuários de humanidades, que preferem: “uma coleção muito extensa...; aquisições correntes em quantidade, especialmente livros; capacidade de folhear (“browsing”) - a possibilidade de andar entre as estante e apanhar aqui e ali material e informações - eles gostam de fazer a sua própria caça...”.

Entendemos que o acervo aberto é um fator facilitador para a biblioteca cumprir seu papel ativo e dinâmico junto ao ensino. É no manuseio dos livros, feito diretamente nas estantes, que o aluno aprende a ampliar sua pesquisa bibliográfica imprescindível à sua formação.

De acordo com Pfromm Netto (1975), um dos fatores relacionados com a subutilização das bibliotecas “se refere ao aluno que ainda não aprendeu a aprender sozinho, buscando, ele próprio, as informações que necessita, ao invés de se valer de um “intermediário de informações”, o professor”.

Para esse autor “o aumento da demanda no setor de ensino superior, por um lado, e, por outro, a necessária melhoria qualitativa desse ensino farão com que padrões tradicionais de ensino, do tipo de aula expositiva, sejam substituídos por procedimentos mais eficientes, como, por exemplo, o estudo independente. Esse estudo envolve a leitura maciça de muitos livros e revistas e coloca a biblioteca no centro do processo de aprendizagem” (Pfromm Netto, 1975).

Essa reflexão encontra parceria em Spiller (1975) que, fazendo seus comentários sobre as bibliotecas britânicas, baseado no Relatório Parry e outros documentos, diz que “o mais importante que um aluno aprende na

universidade é como aprender. Da mesma forma, trabalhar por conta própria, com livros ou material audiovisual é um pré-requisito para se poder aprender a pensar por si próprio. E conclui - Precisamos assim de professores e pessoal nas bibliotecas para ensinar os alunos a utilizá-las convenientemente."

Aqui entra um ponto importante que o Serviço de Biblioteca e Documentação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo vem estudando, estruturando e procurando cada vez mais enfatizar, sobretudo junto ao corpo docente, que é a educação de usuários como forma de preparar os alunos não só para a utilização dos recursos informacionais disponíveis em bibliotecas, como também envolvê-los com a preservação, conservação e uso coletivo do livro e outros documentos.

Pelas leituras realizadas, concluímos que a biblioteca universitária é o instrumento de trabalho por excelência da comunidade universitária. Nesse caso, a abertura do acervo para o livre-acesso às estantes ocorreu, naturalmente, como parte do processo mundial de mudança do papel dessa biblioteca. Talvez isso explique a quase ausência de bibliografia sobre a questão do livre-acesso.

Tendo em vista que o livre-acesso às estantes faz parte do perfil da biblioteca universitária, procuramos através da literatura verificar como o problema do vandalismo vem sendo tratado.

Para Kremer & Oliveira (1993) "vandalismo é definido como todos os atos que atentam contra o patrimônio bibliográfico da biblioteca e os mais comuns se referem ao roubo e mutilação". Essa questão atinge bibliotecas do mundo todo. Para Passos (1992) a Biblioteconomia, embora tenha "se adaptado perfeitamente aos tempos modernos", ainda não resolveu os problemas de vandalismo que vêm atingindo as bibliotecas desde o século IV A.C.

A bibliografia internacional sobre esse assunto é bastante vasta, conforme revisão de literatura realizada por Edilenice Passos em dissertação de mestrado defendida na Universidade de Brasília em 1992. A pesquisa de campo, realizada por essa autora, foi feita em bibliotecas universitárias, que têm sido o maior objeto de estudo também no exterior.

Apontar quem são os responsáveis pelo vandalismo em bibliotecas não é tarefa fácil, uma vez que bibliotecas destinadas a várias categorias

de usuários sofrem com esse problema. Segundo Passos (1992), "Fica difícil identificar "quem" furta ou mutila material bibliográfico e talvez o mais importante seja identificar o "porquê" e ainda identificar quais são as medidas que as bibliotecas podem adotar para minimizar o problema".

Tomando como base as leituras realizadas, listamos algumas medidas, como forma de preservação do acervo:

- Sistemas de segurança eletrônicos
- Circuitos de TV
- Serviços de vigilância
- Educação da comunidade sobre os efeitos do furto e da mutilação
- Treinamento de funcionários para lidarem com o furto e mutilação de material bibliográfico
- Políticas de empréstimo
- Horário de funcionamento da biblioteca
- Acesso restrito às coleções de obras raras e especiais
- Facilidades oferecidas quanto ao serviço de reprodução de material bibliográfico: baixo custo da cópia, qualidade, máquina em número suficiente para atender a demanda dos usuários etc.
- Penalidades adotadas pelas bibliotecas para os problemas de atraso, furto e mutilação do material.

Essas medidas precisam estar em constante avaliação, quando implantadas, e o ideal é que várias delas sejam simultaneamente utilizadas, já que nenhuma oferece garantia total. Em artigo recente, publicado na França (Connin, 1996), foi constatado que os sistemas anti-furto eletromagnéticos e/ou de radiofrequência, são eficazes e extremamente dissuasivos. Estatísticas realizadas em 1994 demonstram que a instalação desses sistemas fizeram diminuir o furto de documentos em torno de 50% num período de 5 anos e 37% num período de 10 anos. Foi verificado, também, que os riscos de furto são limitados se um único banco de empréstimo localizado antes da saída e protegido por um sistema anti-furto realiza as operações de empréstimo e devolução.

Pelo exposto, percebemos que o fechamento do acervo não é uma medida recomendada pela literatura e nem mesmo pelos profissionais da área. Várias das sugestões acima poderão fazer parte de um conjunto de medidas para serem implantadas, a curto e a médio prazos, pelo Serviço

de Biblioteca e Documentação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

Para finalizar, mencionamos os estudos de Edwards (1986), citado por Passos (1992), que pesquisou a influência das políticas de acesso do documento sobre as perdas e constatou que "ironicamente, as bibliotecas que impunham maiores restrições sofriam maiores perdas".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 ANDRADE, D.C. Desenvolvimento de coleções: a prática na FFLCH/USP. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 8., Campinas, 1994. *Anais*. Campinas: SP, Biblioteca Central/ UNICAMP, 1994.
- 2 BRADEN, I. A. The separately housed undergraduate library. *College & Research Libraries*, Chicago, v 29, n.4, jul 1968. (Abstracts. ISA)
- 3 BRIQUET DE LEMOS, A. A., MACEDO, V. A. A. Posição da biblioteca na organização operacional da universidade. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v.4, n.1, p. 40-50, mar. 1975.
- 4 CARVALHO, M. C. R. *Estabelecimento de padrões para bibliotecas universitárias*. Fortaleza: UFC/Brasília: ABDF, 1981 (Col. Biblioteconomia, 1)
- 5 CONNIN, Anne - Le vol dans les bibliothèques: une réalité préoccupante. *Livres de France*, Paris, n. 185, p. 24-26, mai 1996.
- 6 GOMES, H. E. A participação da biblioteca universitária no sistema nacional de informação científica e tecnológica e em outros sistemas de informação. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v.4, n.1, p. 63-78, mar. 1975.
- 7 HOADLEY, I. B. *The undergraduate library: the first 20 years*. San Diego, University of California, 1970. 8 p. (Abstracts. ISA)
- 8 KREMER, J. M., OLIVEIRA, M. J. Percepções e atitudes de estudantes universitárias em relação ao vandalismo nas bibliotecas da UFMG. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v.22, n.2, p.181-212, jul./dez. 1993.
- 9 LA LECTURE publique en France. *Bulletin des Bibliothèques de France*, v 13, p. 105-35, mar. 1968. (Abstracts. ISA)
- 10 MARTELETO, R. M. Necessidades de informação de professores e integração entre a biblioteca universitária e atividades acadêmicas. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p. 123-38 mar. 1984.
- 11 PASSOS, E. J. L. *Furto e mutilação de material bibliográfico em bibliotecas universitárias brasileiras*. Brasília: UnB, 1992, 205 p. (Dissertação de Mestrado)
- 12 PFROMM NETTO, S. A biblioteca como instrumento da tecnologia educacional. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v.4, n.1, p. 19-39, mar. 1975.

- 13 RELATÓRIO e recomendações: relatório final do Seminário para Estudo dos Problemas de Administração e Funcionamento das Bibliotecas Universitárias. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 4, n. 1, p. 115-30, mar. 1975.
- 14 SPILLER, D. Comentários sobre as bibliotecas das universidades britânicas. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 4, n. 1, p. 99-114, mar. 1975.
- 15 VALIO, E. B. M. Leitura: uma prioridade nas instituições educacionais inglesas e escocesas. *Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG*, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 84-96, mar. 1987.

Why open-access to collection?

This article discusses the question of the open-access to collections emphasizing the role of the Academic Library in user education, and providing facilities for study and research purposes. It also deals with the vandalism in academic library which is sometimes considered a reason for closing access to collections. The theft and mutilation may be reduced by taking some specific measures and by regular evaluation of the whole process.

Key Words: Academic Library. Open-access to Collection. Library Vandalism.

As autoras são bibliotecárias do Serviço de Biblioteca e Documentação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Serviço de Biblioteca e Documentação
Av. Lineu Prestes, Travessa 12, nº 350
05508-900-São Paulo, SP

bibffich@org.usp.br
